

AS RELAÇÕES COM OS OBJETOS SÃO ENCHARCADAS DE VIDA: ENTRECruzANDO EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS

The relations with objects are impregnated of life: connecting experiences and memories

Cyntia Simioni França

<https://orcid.org/0000-0002-1812-3696>

Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, Brasil.

Contato: cyntiasimioni@yahoo.com.br

Maíra Wencel Ferreira dos Santos

<https://orcid.org/0000-0002-9118-9595>

Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, Brasil.

Contato: mairawencel@hotmail.com

Resumo: Neste artigo compartilhamos uma experiência educativa construída no programa de mestrado PROFHISTÓRIA e desenvolvida com crianças do 4º ano do Ensino Fundamental I. Os aportes teórico-metodológicos dessa atividade formativa se pautaram no diálogo entre os sujeitos – estudantes – e objeto – artefato museológico – no entrecruzamento de tempos e espaços. Com esse propósito, colocamos em movimento um exercício dialogal das crianças com os objetos históricos, de forma a estimular práticas de rememoração, através das suas experiências vividas. Com as narrativas produzidas pelos estudantes, compomos mônadas, o aporte teórico metodológico do filósofo Walter Benjamin. Tais ações foram promovidas como leitura a contrapelo das narrativas hegemônicas da história local e permitiram uma (re)aproximação do objeto através das experiências vividas das crianças. Nas experiências com os objetos históricos, percebemos a presença de tradições familiares e as crianças destacaram a importância das relações sociais coletivas e afetivas para elas. Na rememoração, as crianças puderam (re) elaborar novos sentidos e, desse modo, vieram à tona outras narrativas, histórias e memórias da história local, além da pluralização dos sentidos, inclusive relativos à temporalidade.

Palavras-chave: Objeto; Rememoração; História local; Ensino de história.

Abstract: In this paper we share an educational experience built in the PROFHISTÓRIA master's program and developed with children in the 4th year of Elementary School. The theoretical-methodological contributions of this experience were based on the dialogue between the subjects –

students – and objects – museum artifacts – connecting times and spaces. We propose a dialogue between children and historical objects, in order to stimulate remembrance practices through their lived experiences. With the narratives produced by the students, we compose monads, the theoretical methodological contribution of the philosopher Walter Benjamin. Such actions were promoted as a reading against the grain of hegemonic narratives of local history and allowed a (re)approachment of the object through the lived experiences of children. In experiences with historical objects, we noticed the presence of family traditions and the children highlighted the importance of collective and affective social relationships for them. When remembering, children were able to (re)elaborate new meanings and, in this way, other narratives, stories and memories of local history came to light, in addition to the pluralization of meanings, including those related to temporality.

Keywords: Object; Recall; Local history; History teaching.

Introdução

O colecionador [...] reúne as coisas que são afins; consegue, deste modo, informar a respeito das coisas através de suas afinidades ou de sua sucessão no tempo”
BENJAMIN, 2007, p. 245

Compartilhamos uma pesquisa realizada no programa de mestrado PROFHISTÓRIA, na UNESPAR (Campo Mourão-PR). O trabalho foi desenvolvido com estudantes de uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental I, na rede municipal de ensino. Destacamos que a seleção da escola e da turma em que a pesquisa foi desenvolvida deve-se ao fato de uma das autoras do texto lecionar nesse local. Esse estudo foi realizado em 2021, durante a pandemia de Covid-19, e as produções que compõem o artigo foram construídas de maneira remota.

O objetivo dessa pesquisa foi produzir conhecimentos histórico-educacionais através da relação e do olhar das crianças com a cidade e na cidade.

A tecitura apresentada nesse diálogo foi intitulada *As relações com os objetos são encharcadas de vida*. Para desenvolvê-la, realizamos uma prática educativa trabalhando com os objetos pessoais das crianças, compreendendo que eles são portadores de histórias. Para utilizar as produções e os nomes das crianças, os responsáveis concordaram em assinar o Termo de Livre Consentimento, permitindo que todas as tecituras, bem como fotos, relatos orais, narrativas, pudessem ser utilizadas na pesquisa. Além disso, os responsáveis autorizaram o uso dos nomes das crianças, dispensando pseudônimos, o que consideramos muito importante, porque a criança pode se colocar como sujeito ativo na pesquisa, realçando a sua identidade.

Articulamos a relação dos objetos com a nossa história, nossa família, o local onde vivemos, buscando perceber as questões sociais envoltas a esse objeto e como elas se conectam com as diferentes histórias, para assim, entrecruzar com as experiências de outros sujeitos, tempos e espaços.

Ao dialogarmos sobre a história do município de Campo Mourão, abordando questões relacionadas aos pioneiros, aos povos originários da região e como a história local

é contada, pretendíamos levá-los a compreender sua relação com essa história por meio de objetos que possuíam em casa. Nesse sentido, estimulamos encontros singulares dos estudantes com os objetos que vemos e lemos, sentindo-os e tocando-os.

Entendemos que a produção de conhecimentos históricos e educacionais acontece por intermédio dos sentidos, na relação com o corpo inteiro com os objetos e o ambiente, ou seja, não está restrito à visão e à audição (RAMOS, 2004; PEREIRA, 2009). Com esse propósito, colocamos em movimento um exercício dialogal dos estudantes com os objetos históricos, de forma a estimular práticas de rememoração, através das suas experiências vividas (BENJAMIN, 1985).

Apostar nas possibilidades inventivas que os fragmentos do passado nos oferecem, pode ser um convite para tensionar as narrativas hegemônicas e vislumbrar outros passados e presentes (por que não outro porvir?!) na relação com as experiências dos sujeitos (THOMPSON, 1981; BENJAMIN, 1985). É nessa perspectiva que trabalhamos com o exercício de rememoração, partindo de objetos que foram escolhidos por eles, relacionados às suas experiências de vida, potencializando a reelaboração de sentidos (BENJAMIN, 1985).

A discussão desse artigo foi organizada em dois movimentos dialógicos: No primeiro, apresentamos alguns apontamentos acerca do modo como Walter Benjamin relacionava-se com os objetos históricos por meio da sua mônada *O colecionador*. No segundo movimento, dialogamos com as mônadas produzidas por nós, em contato com as narrativas das crianças, elaboradas na relação com os objetos históricos investigados.

O aporte teórico-metodológico escolhido para essa pesquisa tem como referencial principal, o filósofo Walter Benjamin, em consequência das suas contribuições para estudos sobre cidades, memórias e histórias. O filósofo, Walter Benjamin, nos oferece esse método desviante, pois as mônadas trazem nos seus fragmentos de memórias, experiências carregadas de centelhas de sentidos.

A mônada configura-se uma imagem da realidade em miniatura, a partir de um ponto de vista sobre o mundo e, ao mesmo tempo, o mundo sob um ponto de vista. Assim, é nos detalhes menores das narrativas das crianças que é possível enxergar o todo social (BENJAMIN, 2007; PAIM, LUÍS, 2020). Através dessa concepção, e no contato com as narrativas dos estudantes, produzimos as mônadas dispostas no presente diálogo.

Para a filósofa Jeanne Marie Gagnebin, na mônada encontramos o “[...] ‘eu’ que nelas se diz, não fala somente para se lembrar de si, mas também porque deve ceder lugar a algo outro que não a si mesmo” (GAGNEBIN, 2013, p. 82). As mônadas remetem a imagem das estrelas, que ao juntá-las, se complementam e formam uma constelação (BENJAMIN, 1994). São imagens muitas vezes repletas de pluralidades, carregadas de sensibilidades, onde podemos flagrar “[...] minúsculos fragmentos de experiências vividas que podem ser lidos na sua singularidade, com a potencialidade de estabelecer relações entre as especificidades” (FRANÇA, 2015, p. 106). Elas revelam uma singularidade das experiências das crianças articuladas com a cultura mais ampla.

Nessa pesquisa, as memórias das crianças, suas narrativas e desenhos são lidos como mônadas e são potentes de fala, de voz, de expressões e de visões de mundo que as cercam.

Em suas mônadas é possível perceber uma cidade plural, diversa, com aqueles sujeitos que a História Local não mencionou, mas que no olhar atento das crianças, foram lembrados.

Objetos históricos em Walter Benjamin

Antes de adentrarmos nas mônadas produzidas pelas crianças, é importante compreendermos que as discussões norteadoras sobre objetos históricos utilizadas para esse trabalho são inspiradas no filósofo Walter Benjamin. Por isso, faz-se necessário uma breve discussão acerca do modo como o autor relacionava-se com objetos e como trouxe alguns desses apontamentos em suas obras.

Walter Benjamin foi um filósofo, crítico literário, poeta e tradutor que nasceu em Berlim em 15 de julho de 1892. Judeu, filho de família de comerciantes e banqueiros, teve uma infância abastada, recebeu “boa” educação e pode dedicar-se aos estudos até o período em que sua família entrou em crise com a República de Weimar.

Após concluir sua tese de doutorado, enfrentou problemas na Universidade de Frankfurt, no que diz respeito ao seu modo de produzir conhecimento, muito distante dos modelos cartesianos predominantes na época. Logo passou por uma série de problemas financeiros, dependendo de uma bolsa concedida pelo Instituto de Pesquisa Social (futura Escola de Frankfurt) e principalmente de seus diretores, Horkheimer e Adorno. Escreveu artigos e ensaios como *A Paris do Segundo Império na obra de Baudelaire*, muito criticado pelo Instituto, precisando reescrever para conseguir publicar com o título de *Alguns temas da obra de Baudelaire*, além do texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade* que também teve que ser reformulado para ser publicado na revista do Instituto (GAGNEBIN, 2018).

Os últimos anos de vida de Benjamin foram anos de perseguição política e de dificuldades financeiras. Ao lermos suas obras, é importante compreender que por ser um filósofo contemporâneo, alemão e judeu, que viveu entre a virada do século XIX para o século XX, Walter Benjamin tem muito a dizer sobre as transformações radicais que ocorreram na Europa nesse período, em especial dentro da Alemanha, que constituía o regime totalitário do nazismo, do qual ele foi vítima (GAGNEBIN, 2018).

Essa produção com os objetos históricos foi especialmente inspirada na mônada o “Colecionador”, presente em *Passagens* (2007), obra inacabada de Benjamin. O filósofo dedicou-se a esse trabalho durante 13 anos (1927-1940). Os escritos que compõem o livro foram deixados em Paris, aos cuidados do escritor francês Georges Bataille, que as guardou na Biblioteca Nacional de Paris, preservando-a da barbárie da Segunda Guerra Mundial. *Passagens* é composta por inúmeros fragmentos que remetem a cidade de Paris e suas galerias comerciais, sendo chamadas, portanto, de passagens. Essa obra só foi organizada e publicada 42 anos após a morte de Benjamin.

Na mônada o “Colecionador”, o autor entende os objetos como peças de quebra-cabeças, que se relacionam entre si e juntas se encaixam. “O colecionador [...] reúne as coisas que são afins; consegue, deste modo, informar a respeito das coisas através de suas afinidades ou de sua sucessão no tempo” [...] (BENJAMIN, 2007, p. 245). Bem como aquele que recolhe pela vida objetos-registros de uma história, considerados únicos e valiosos,



cada um, dentro da coleção que fazem parte. Eles estão diretamente ligados pelo palco de seu destino, ou seja, muito mais pelas histórias contadas e carregadas pelo objeto, do que pela sua utilidade/funcionalidade. Assim, o colecionador “é um caçador de vestígios do destino que parece seguir entendendo que para tornar as coisas presentes é preciso “representá-las em nosso espaço [...]” (BENJAMIN, 2007, p. 240).

As narrativas que serão evidenciadas, rompem com qualquer maneira possível de linearidade da história, sendo essa uma das preocupações de Walter Benjamin. Conforme o filósofo, para que um “fragmento seja tocado pela atualidade não pode haver qualquer continuidade entre eles” (1984, p. 512). Para o autor, a história anterior e a posterior de um fato, emergem pelo movimento dialético.

O fato se polariza em sua história anterior e a posterior sempre de novo, e nunca da mesma maneira. Tal polarização ocorre fora do fato, na própria atualidade — como numa linha, dividida segundo o corte apolíneo em que a divisão é feita fora da linha. [...] O materialismo histórico não aspira uma apresentação homogênea [...] as diferentes épocas do passado são tocadas pelo presente em graus bem diversos, uma continuidade da apresentação histórica é invisível. [...] Assim, a apresentação materialista da história leva o passado a colocar o presente numa situação crítica (BENJAMIN, 2007, p. 512-513).

A concepção dialética benjaminiana é diferente da concepção marxista ortodoxa, visto que o passado, quando ressurge, jamais é a repetição de si mesmo, pois o passado já se foi, e nem o presente, nessa relação de direção ao passado, continua igual a si. Ambos permanecem sendo passado e presente, porém, diferentes de si na imagem fugaz. No entanto, ao fundi-los, fornecem-nos os subsídios necessários para a sua redenção. O instante que abre brechas para capturar as possíveis contradições e as ambivalências. Um tempo saturado de “agoras”, rompendo com o linear. O “agora” que é um cotejo e propicia compreender o sentido da história. O “agora” que apresenta todos os questionamentos relacionados ao todo.

Cada agora é o agora de uma determinada cognoscibilidade. Nele, a verdade está carregada de tempo até o ponto de explodir. (Esta explosão é a morte da intenção que coincide com o nascimento do tempo histórico autêntico, o tempo da verdade) (BENJAMIN, 2007, n.3.1).

Ao viver a experiência de entrecruzamento do tempo, com base na rememoração dos objetos históricos, entendemos o quanto foi importante para os estudantes realizarem o “salto do tigre”, no sentido benjaminiano.

Walter Benjamin coloca em ação esse movimento dialético no seu texto “Infância em Berlim por volta de 1900” (1987), na mônada “Esconderijos”, rompendo com o fluxo linear do tempo, quando recupera as imagens (memórias) perdidas no tempo e no espaço da sua infância, na sua cidade natal, entre os ruídos do século dezenove.

Conhecia todos os escondерijos do piso e voltava a eles como a uma casa na qual se tem a certeza de encontrar tudo sempre do mesmo jeito. Meu coração disparava, eu retinha respiração. Aqui, ficava encerrado num mundo material que ia se tornando fantasticamente nítido, que se

aproximava calado. Só assim é que deve perceber o que é corda e madeira aquele que vai ser enforcado. A criança que se posta atrás do reposteiro se transforma em algo flutuante e branco, num espectro. A mesa sob a qual se acocora é transformada num ídolo de madeira do templo, cujas colunas são as quatro pernas talhadas. E atrás de uma porta, a criança é a própria porta; é como se a tivesse vestido com disfarce pesado e, como bruxo, vai enfeitiçar a todos que entrarem desavisadamente. Por nada nesse mundo podia ser descoberta. Se faz caretas, lhe dizem que é só o relógio bater e seu rosto vai ficar deformado daquele jeito. O que havia de verdadeiro nisso pude vivenciar em meus esconderijos. [...] Uma vez ao ano, porém, em lugares secretos, em suas órbitas vazias, em suas bocas hirtas, havia presentes; a experiência mágica virava ciência. Como se fosse seu engenheiro, eu desencantava aquela casa sombria à procura de ovos de Páscoa (BENJAMIN, 1985, p. 91).

O autor realiza uma viagem ao passado, em sua memória de menino, cercado de objetos, como o armário, a mesa, a porta, o relógio e os vários esconderijos que percorrem em sua casa. Interiores burgueses no qual exterioriza detalhadamente uma experiência sensorial, olfativa e auditiva. Como nos ensina nesse texto, as imagens benjaminianas são repletas de sentimentos, medos, incertezas, desejos, brincadeiras e recomeços.

Os objetos mencionados na mônada “Esconderijos” são portadores de significados e não são apresentados como algo coisificado. Como exemplo, a passagem no texto em que o autor menciona o relógio batendo, e as sensações que provoca na vida dos indivíduos. Relógio que marca o tempo cronológico, homogêneo, controla e esvazia a vida das pessoas, objeto marcado pela modernidade capitalista.

Vale ressaltar na mônada “Esconderijos” a seguinte passagem “se faz caretas, lhe dizem que é só o relógio bater e seu rosto vai ficar deformado daquele jeito” (BENJAMIN, 1985, p. 91). No trecho é possível entender que Benjamin busca a possibilidade de outra relação com a temporalidade, aquela feita de instantes, ou ainda, imagens em paralisia, o encontro do ocorrido e do agora que se dá por meio da infância, enquanto uma pausa temporal possibilita a rememoração. Memórias que provocam uma viagem ao passado feita através do tempo presente, que pode conduzir a caminhos, pistas, signos que apenas no “agora” podem ser decifrados.

Ao buscar em sua memória os objetos e esconderijos de sua casa, o autor (re)significa essas experiências. A memória benjaminiana é um processo de (re)significação do passado, à luz do presente, mediante o atravessamento de uma experiência do adulto acerca da sua infância.

O narrador assume um lugar singular, resguardado com seus rastros, em sua experiência, no cruzamento entre a memória individual e a coletiva, enraizado, e confrontado com seu tempo. O espaço também não está separado do fazer humano, suas experiências adquirem formatos diferentes, de acordo com o local em que acontecem e deixam marcas. Portanto, as memórias da casa, dos objetos e dos espaços interiores são de narrativas detalhadas, atravessadas por sentidos plurais acerca dos objetos e do “mundo material que ia se tornando fantasticamente nítido e se aproximava calado” (BENJAMIN, 1985, p. 91).

É perceptível a consciência de Benjamin acerca da realidade social, política, cultural e econômica que orientava sua infância. Era uma criança que, fazendo uso de sua

sensibilidade, filtrava a realidade vivida, apresentando uma visão ampla do lugar que o cercava, instituindo outro fluxo do tempo e, portanto, uma “outra” história. Configura-se uma rememoração com imagens políticas, possibilitadoras da indagação de práticas de produção de conhecimento histórico, sedimentadas com o avanço da modernidade capitalista.

Nesse sentido, convidamos o leitor(a) a conhecer algumas mônadas produzidas por meio das narrativas das crianças na relação com um objeto que potencializou seus vínculos familiares e sociais. Assim como Walter Benjamin, também fazem os estudantes ao rememorarem partindo da relação com os objetos escolhidos, que mergulhados em significados serão apresentados nas mônadas a seguir.

As relações com os objetos são encharcadas de vida

Antes de adentrarmos na discussão dessa tecitura, abordamos a história local do município e assistimos ao vídeo *Campo Mourão: Assim nasce uma cidade*¹, buscando dialogar e desconstruir a visão tradicional contada no documentário sobre a história local, a qual, mantém-se centrada em uma visão hegemônica que glorifica aqueles personagens considerados pioneiros, sempre homens brancos, políticos e fazendeiros da região.

Desse modo, puxando o fio da conversa anterior, pedimos que as crianças escolhessem um objeto que tivesse alguma relação com a sua história, as suas memórias e o lugar em que viviam. Após a escolha do objeto, deveriam fotografar e escrever um fragmento de memória contando como o objeto se relacionava com sua história. Para potencializar a escrita desse fragmento de memória, a professora escolheu um objeto de sua casa e produziu uma narrativa escrita que contava sua experiência vivida quando criança.

Vamos conhecer as memórias compartilhadas com as crianças, intitulada *Hora do café!*

Figura 1 – Moedor de café



Fonte: arquivo das autoras (2022)

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3tRaRxEaak>. Último acesso em: 04 de outubro de 2023.

[Descrição da imagem] Imagem de um moedor manual de café antigo, na cor prata, posicionado em cima de uma mesa de madeira. [Fim da descrição].

Você sabe que objeto é esse? Provavelmente já viu um desses na casa de alguém, ou até mesmo tem um na sua casa? Não é? Esse é um moedor de café. E não é qualquer moedor, era o moedor de café que ficava na parede da casa onde passei a infância com minha família. Faz tanto tempo que temos ele, está com meus pais desde o casamento. Todos os dias bem cedinho a mãe me acordava para moer o café. Enquanto ela fazia um bolinho, eu moía o café que era torrado por ela no fogão a lenha. Depois do café todos saíam para cumprir suas tarefas no sítio e a tarde o rito de moer o café se repetia. Hoje compramos o café moído direto no mercado para ganhar tempo. Mesmo assim, parece que falta o tempo. Tempo de conversar com os amigos, os familiares, de parar para pensar na vida, de tomar um café saboroso e com gosto de histórias (AUTORA, 2021).

Consideramos importante trabalhar com os objetos que fazem parte da nossa história e que são carregados de memórias e sensibilidades. Ao entrar em contato com determinados objetos, é possível despertar memórias que estavam guardadas, e deste modo podem auxiliar nesse exercício de rememoração e de ressignificação das experiências vividas.

Quem não tem um objeto guardado, carregado de sentidos? Pode ser uma foto, um cartão, uma carta, uma moeda. Assim, após a leitura das memórias da professora, as crianças foram instigadas a buscar objetos que contavam suas histórias familiares e afetivas.

Trouxeram narrativas sobre muitos objetos, desde: *ursinho de pelúcia; chaleira; fotografias; receita de bolo; canetas; foice; rastelo; pratos; e vasos*. Compartilhamos algumas mônadas.

Prato antigo

[...] minha vó deu um prato para a minha mãe da mãe dela, perguntei a minha mãe de quem era o prato e ela disse bem assim, é da sua tataravó [...] um prato bem antigo[...]. Minha mãe até hoje tem o prato de sua linda e querida avó, tipo se fosse uma herança (LARISSA, 2021).

A receita da minha vó

A minha vó tem uma receita muito gostosa, os momentos mais legais da minha vida é quando eu a ajudo, nós rimos juntas é o melhor dia da minha vida, eu amo o bolo dela de mandioca é delicioso até parece bolo de milho pode acreditar é uma delícia, eu amo demais, se você comer pode acreditar que vai adorar (ANA JÚLIA, 2021).

A caneta mágica

A caneta mágica é a caneta que tem várias cores e tenho uma, minha bisavó tinha também e é uma tradição, eu amo as cores dela, a da minha vó era de Deus e a minha é LoL e toda vez eu lembro da minha bisavó e essa é a caneta mágica[...] (ISABELLE, 2021).

Toca fita do meu vô

Ele tem toca fita, meu vovô escuta até hoje e comprou quando eu nem tinha nascido era de 1927, mas eles gostam de escutar até hoje. Tem muitas fitas, 35, minha vó gosta de escutar até hoje (ALISSON, 2021).

Vaso azul de flor da minha vó

Esse vaso que tem na minha casa foi um presente da minha vó aonde a minha família tem até hoje, todos os dias minha família troca de flor por ser uma lembrança muito bonita da minha vó. Todas as manhãs que me levanto coloco água na flor e quero levar para minha casa quando ficar mais velho (VÍTOR, 2021).

Embora os objetos façam parte da vida particular das crianças, ao contarem a sua história, outras foram entrecruzadas: dos familiares, de pessoas próximas, de uma comunidade ou um coletivo mais amplo. As memórias individuais encontraram-se com o coletivo. O que nos interessou não foi o objeto em si, mas as relações sociais e afetivas que foram construídas em torno do objeto. Ao narrar a história de algum item, conseguimos imaginar e conhecer a vida em que ele se inseria.

Essa atividade trouxe inúmeras lembranças que quando reunidas com as demais, constituíram mosaicos da vida de cada criança ou das famílias na relação com outros sujeitos, tempos e espaços (FRANÇA, 2015).

Consideramos que são inúmeras as formas de promover um trabalho com objetos no ensino de História e destacamos uma possibilidade no diálogo com o historiador Francisco Régis Lopes Ramos (2016), ao trazer a ideia do objeto gerador. Segundo o autor, pensar nos objetos, é entendê-los, não como mera curiosidade, mas perceber que “[...] fazemos e usamos objetos e, na mesma medida, somos feitos e usados por objetos” (RAMOS, 2016, p. 71). Por exemplo, estudantes ou operários são vistos ou identificados a partir do momento que vestem um uniforme, logo usam esse objeto, mas também são usados. Essas vestimentas fazem parte das relações sociais e, muitas vezes, estão expostos no museu. Entretanto, nas caminhadas pelo seu interior, passamos por elas e não problematizamos tais relações.

Ramos (2016) explica que o exercício de dialogar com o objeto e seu lugar de produção possibilita perceber as práticas sociais de diferentes tempos. Desse modo, olhar para/sobre/com os objetos expostos no museu e na sala de aula, pode levar à reflexão sobre os sujeitos relacionados àqueles objetos e àquele contexto social, na relação com o presente.

Trabalhar com o objeto gerador é instigar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano. Assim, o trabalho com o objeto gerador não se resume ao sujeito simplesmente descobrir o objeto, mas compreender as tramas sociais relacionadas a ele (RAMOS, 2016). Vale ressaltar que práticas como essas podem contribuir para promover uma produção de conhecimento que não envolve apenas atos cognitivos, adquirindo apenas novas informações dos objetos, pois

[...] não se trata da revelação à luz de métodos cujos passos estão seguramente definidos. Antes de tudo, o potencial educativo dos objetos geradores reside no exercício de alargamento do nosso ser no

mundo, da experiência de viver a historicidade do ser que dá existência a nós e ao mundo, em suas múltiplas ligações (RAMOS, 2016, p. 74).

Ao realizarmos atividades educativas que promovam essas discussões, provocamos o envolvimento do sujeito, levando os estudantes a perceberem que o objeto não é o guardião de pedaços do passado, mas um lugar de entrecruzamentos dos tempos e dos sujeitos. É possível que os estudantes construam leituras plurais na relação com os artefatos culturais, sendo sujeitos ativos no processo de produção de conhecimento histórico (THOMPSON, 1981; BENJAMIN, 1985).

Nesse sentido, uma proposta educativa com objetos não pode prescindir do diálogo com as temporalidades, por meio de uma leitura plural da experiência do vivido. Entendemos que a produção de conhecimentos históricos e educacionais deve acontecer em uma relação dialógica entre sujeito e objeto, porque é nesse processo que os sujeitos vão atribuindo sentidos e (re)significando os objetos. É nesse movimento relacional que os sujeitos podem se enxergar pertencentes a uma cultura mais ampla.

É necessário, assim, romper com uma acepção de história linear, homogênea e única e refletir sobre esses objetos na relação entre passado e presente (BENJAMIN, 1985). É possível compreendermos as complexificações em torno do espaço-tempo que envolvem os objetos históricos e não os resumirmos a objetos antigos, presos no passado.

Assim, o objeto está longe de ser algo encarcerado no passado, mas é algo que representa, de fato, o entrecruzamento dos tempos e pode ser problematizado, evidenciando diferentes realidades sociais. O importante é percebermos que objetos podem ser questionados, “[...] longe de ser um objeto do ‘passado’, ele é compreendido como um elemento de problematização do entrecruzamento de múltiplos tempos” (PEREIRA; CARVALHO, 2010, p. 388)

Dessa forma, ao olhar para os objetos compartilhados pelas crianças conseguimos refletir sobre os sujeitos relacionados àqueles objetos e aquele contexto, de modo a romper com a história homogênea sobre a cidade que é contada pela história local, buscando evidenciar a história daquelas pessoas.

É nesse sentido que lembramos das falas deles e nas suas narrativas, aqui presentes, percebemos que eles buscaram conhecer sobre si e seus familiares por intermédio da história do objeto. Vemos que as crianças trouxeram objetos, que para eles, tem “tradição” familiar como Isabelle e a caneta mágica e que a faz lembrar da avó; ou ainda dos estudantes Vítor e Larissa que falam de objetos que são “heranças” familiares, que trazem lembranças. Outra narrativa muito tocante é a *receita da minha avó* que mostra a importância desse momento para a estudante Ana Julia, valorizando essa experiência que para ela são os dias mais legais, pois elas riem juntas, enquanto ajuda a avó. São momentos como esses que marcam, que tocam e fazem parte de experiências, onde a criança aprende com alguém que se apresenta como na figura do narrador benjaminiano. Essa rememoração é importante, pois é onde a criança percebe e ressignifica esses momentos entendendo como *o melhor dia da minha vida* (BENJAMIN, 1994; LARROSSA, 2002).

Nas rememorações das crianças é possível perceber como os objetos escolhidos com o seu potencial gerador, aproximam-se do cotidiano, do vivido. Por isso, não se trata

de simples objetos que trazem memórias, mas que são capazes de ampliar a percepção do tempo presente e das relações complexas que os envolvem. Além disso, o:

[...] intuito dessa pedagogia do objeto é ampliar nossa percepção sobre a multiplicidade cultural entranhada nos objetos – a trama de valores e seres humanos que reside na criação, no uso, na transformação, na destruição ou na reconstrução de objetos (RAMOS, 2004, p. 34).

Para o filósofo Walter Benjamin, a memória imbrica as dimensões [...] voluntárias e involuntárias, consciência e inconsciência, razão e sensibilidade, passado, presente, futuro e o entrecruzamento de diferentes temporalidades. São memórias carregadas de conhecimentos, saberes experienciais, sentidos, e estão relacionadas ao vivido. (FRANÇA, 2020, p. 304). A preocupação de Benjamin (1994) não é apenas com o lembrar, mas com aquilo que foi esquecido.

As memórias benjaminianas têm uma dimensão dupla: a da lembrança e a do esquecimento. É o esquecimento que possibilita, ao sujeito que rememora, a relação entre passado, presente e futuro. Nas palavras da filósofa Jeanne Marie Gagnebin, em diálogo com Benjamin, a rememoração “[...] abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras” (GAGNEBIN, 1991, p. 91).

Com essas reflexões acerca do objeto gerador, buscamos despertar nas crianças rememorações que pudessem ser ressignificadas, de modo que conseguissem perceber como objetos são repletos de historicidade, de sentidos que estão vinculados ao coletivo, a comunidade que vivem. Como Benjamin (2020) já apontava, a relação das crianças com os mais variados objetos, é importante para suas criações, permitem a elas que possam se apartar do mundo dos adultos, produzindo o seu próprio mundo. Assim, nessa tecitura, de forma mais direcionada, as crianças buscaram por objetos que pudessem nos mostrar essas relações mais amplas presentes no seu cotidiano, no contexto familiar ou na comunidade, lendo-os e percebendo como todos somos plenos de histórias.

Algumas considerações

Ao relacionarem-se com os objetos escolhidos no exercício de rememoração em uma perspectiva benjaminiana, os estudantes mobilizaram o conceito de memória e narração no diálogo com Walter Benjamin.

Foi possível perceber que os estudantes, ao rememorarem intercambiaram o vivido nesse espaço e tempo. A historiadora Nara Rúbia de Carvalho Cunha (2016) destaca a importância da rememoração benjaminiana como questionamento do encontro de experiências vividas e considera que o lembrar e esquecer são movimentos que só se completam como possibilidade de ruptura em relação ao *continuum* da história. É através do diálogo com os outros e com o outro (aquele que me habita), que despertamos para uma história a contrapelo e nessa experiência, na história construída em que as crianças e seus familiares são agentes históricos.

As possibilidades de leituras das narrativas que podem ser despertadas no contato com cada objeto são infinitas. O foco não está em um objeto museológico, mas nas relações

que estabelecemos com eles, nos sentidos e nos significados que atribuímos a partir das nossas experiências, nesse entrecruzamento de tempos (BENJAMIN, 1985). Os sentidos do trabalho com os objetos vão além da cultura erudita. Por isso, as atividades educativas promovidas nas escolas podem e devem respeitar os sonhos, as esperanças e os desejos de memórias e o enraizamento cultural dos sujeitos envolvidos nas práticas de rememoração.

Nessa experiência, apresentamos uma acepção de objeto histórico não como uma construção dada e naturalizada, mas percebendo-o dentro de um processo de engendramento histórico e cultural. Refletimos sobre as narrativas produzidas através dos objetos e estimulamos práticas de rememoração. Com isso, emergiram outras narrativas, histórias e memórias da história local.

Ao olharmos para as propostas de trabalhos com objetos históricos que muitas vezes continuam reproduzindo narrativas de exaltação dos grandes homens, entendemos que é possível, com esses mesmos objetos, tensionar o fio conformista das histórias e trazer aqueles que foram silenciados e/ou esquecidos, bem como as memórias e as histórias dos sujeitos comuns.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Trad. br. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. 5° ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (obras escolhidas, vol. II).

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: **Obras Escolhidas II**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 71-142.

BENJAMIN, Walter. "Paris, capital do século XIX". In: KOTHE, Flávio R. **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1991, p. 44-122.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG/Imprensa Nacional do estado de São Paulo, 2007.

BENJAMIN, Walter. **A hora das crianças**: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Nau editora, 2020.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. **Primaveras compartilhadas**: (re)significando a docência na relação com cidade, memórias e linguagens. 2016. 250f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas

(UNICAMP), Campinas, SP, 2016. Disponível em:
<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/976521>. Acesso em 12 jun.2024.

FRANÇA, Cyntia Simioni. **O canto da Odisseia e as narrativas docentes**: dois mundos que dialogam na produção de conhecimento histórico-educacional. 2015. 346f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 2015. Disponível em:
<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/964849>. Acesso em: 12 jun. 2024.

FRANÇA, Cyntia Simioni. **Memória como meio de produção de conhecimentos históricos**. Revista Memória em Rede, Pelotas, vº. 12, nº.23, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/14858>. Acesso em: 12 jun.2024.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória e esquecimento: linguagens e narrativas. In: **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (orgs.). Campinas: Unicamp, 1991.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin**: os cacos da história. São Paulo: n-1 edições, 2018.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista brasileira de educação**. Jan/Fev/Mar/Abr, n 19, 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jun.2024.

PAIM, E. A. LUÍS, SOLANGE. Decolonizando tempos, espaços, memórias e experiências educativas na província de Huíá – Angola: Narrativas sobre escolas. **Revista Africa[s]**. Vol. 7, Nº. 13, 2020. Disponível em:
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/5590>. Acesso em: 12 jun.2024.

PEREIRA, Junia Sales. Andarilhagens em chão de ladrilhos. In: FONSECA, Selva Guimarães. (org.). **Ensinar e aprender História**: formação, saberes e práticas educativas. Campinas: Átomo & Alínea, 2009. p. 277-296.

PEREIRA, Júnia Sales; CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. Sentidos dos tempos na relação museu/escola. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 30, n. 82, p. 383-396, set./dez. 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/nbrLPNSNtTz4nq7NrgQ36PM/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 jun.2024.



RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Objeto gerador**: Considerações sobre o museu e a cultura material no ensino de história. Revista Historiar, Sobral, v. 8, n. 14, p. 70 - 93, 2016. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/234>. Acesso em: 12 jun.2024.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

NOTAS DE AUTORIA

Cyntia Simioni França é doutora pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em História Pública (PPGHP) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

Maíra Wencel Ferreira dos Santos é mestra em Ensino de História pela Universidade Estadual do Paraná. Atualmente é professora de História na rede municipal de ensino de Campo Mourão-PR e no curso de História da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

FRANÇA, Cyntia Simioni; SANTOS, Maíra Wencel Ferreira. As relações com os objetos são encharcadas de vida: entrecruzando experiências e memórias. **Sobre Tudo**, Florianópolis, v. 15, n. 1 p. 50-64, 2024.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Sobre Tudo os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos



adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista Sobre Tudo. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 25/03/2024

Aprovado em: 06/06/2024

Publicado em: 11/07/2024